



**CERTEAU, Michel: A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.
Petrópolis: Vozes, 1998**

Rosevania Valadares de Meneses César¹
Universidade Tiradentes

Sandra Virgínia Correia de Andrade Santos²
Universidade Federal de Sergipe

Para ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante de seu objeto (CERTEAU, 2008, p.35).

¹ Mestra em Educação pela Universidade Tiradentes (UNIT). Possui pós-graduação em Educação, Diversidade e Inclusão Social pela Faculdade Dom Bosco (UCDB), Didática do Ensino Superior pela Faculdade Pio Décimo (PIO X), Direitos Infância-Juvenis no Ambiente Escolar (A Escola que protege) pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e História e Cultura Afro-Brasileira pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade Pio Décimo (PIO X), Graduação em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atua como professora das Faculdades Integradas de Sergipe (FISE) ministrando disciplinas na modalidade presencial e Ead. Atualmente exerce a função de professora do Ensino Fundamental II, Educação de Jovens e Adultos e Nível Médio pela Secretaria de Estado da Educação (SEED), Professora do Ensino Fundamental II, pela Secretaria Municipal de Educação de Itapicuru (SMEI). E-mail: rozevaniavcesar@hotmail.com

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Mestra em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Sergipe. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Sergipe. Especialista em Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa e Literatura, pela Faculdade Ages, em Docência e Tutoria em Educação a Distância, pela Universidade Tiradentes e em Tecnologias em Educação pela PUC-Rio. Atualmente é professora das redes Estadual, no Ensino Médio, e Municipal, no Ensino Fundamental Final, em Tobias Barreto. Técnica Pedagógica na SME-TB, atuando como coordenadora de Língua Portuguesa e formadora de professores. Participante do grupo de Estudo Educação e Culturas Digitais (Ecult). E-mail: sanlitera@yahoo.com.br

Michel de Certeau nasceu em 17 de maio de 1925, em Chambéry, França, e morreu em 1986, aos 61 anos. Formou-se em Filosofia, Letras Clássicas, História e Teologia. Em 1956, ingressou na Companhia de Jesus e se tornou padre, tendo suas obras mais relevantes produzidas a partir de 1970. A exemplo, tem-se a obra *La culture au pluriel* (1974), em que o autor tratou sobre questões do presente e da capacidade que os sujeitos dispõem, tanto para dar sentido às diferenças de outrem, quanto para viver junto.

Na obra “A Invenção do Cotidiano: 1- Artes de fazer”, a qual é dividida em cinco capítulos: 1- Uma cultura muito ordinária, 2- Teorias da arte de fazer, 3- Práticas de espaço, 4- Usos da Língua, 5- Maneiras de crer, Certeau discute e assevera, em síntese, as táticas e as estratégias de sujeitos comuns, os quais apresentam, a partir de suas práticas cotidianas, seus modos de atuação enquanto indivíduos que interagem socialmente, demarcando sua singularidade e, ao mesmo tempo, a pluralidade social que emerge dessa interação. Sendo assim, nesse processo individual-coletivo, emerge uma cultura, cujos elementos passam a fazer parte da vida ordinária dos indivíduos, coadunando com a ideia de que os indivíduos são determinados por suas relações sociais e não ao contrário.

No capítulo inicial, o autor faz uma abordagem sobre uma cultura ordinária se referindo aos sujeitos enquanto heróis anônimos, os quais são simultaneamente, segundo o autor, “Cada um” e “Ninguém”. Por outro lado, esse “Ninguém” também pode ser produtor de uma literatura. Assim, utiliza-se da teoria de Freud, do ofício do perito, da linguagem ordinária, da historicidade contemporânea, das culturas populares, da arte brasileira, da enunciação proverbial, da lógica, da prática de dissimulação (sucata), das táticas, do uso e do consumo, das estratégias e táticas, das retóricas das práticas (astúcias milenares), para mostrar como os sujeitos comuns também possuem seu valor, “[...] mesmo que destituída de rigor” (CERTEAU, 1998, p. 105), pois é no cotidiano que as inúmeras práticas sociais se materializam e constituem a essência de cada indivíduo que, embora singular, constitui-se de pluralidades,

demarcando, assim, a complexidade inerente tanto à individualidade quanto à coletividade.

O segundo capítulo trata das teorias da arte de fazer, apropriando-se dos discursos de Foucault e Bourdieu, das artes da teoria, dos relatos do não sabido, da arte de pensar (Kant), do tempo das histórias, da arte de dizer, do contar os lances (Detienne) e das histórias. Esse passeio consubstancia um indivíduo que “exerce um saber-fazer onde se podem encontrar todos os traços da arte da memória” (CERTEAU, 1998, p. 165-166). Dessa forma, ao passo em que desenvolve suas “maneiras de fazer”, constitui suas práticas por meio de técnicas oriundas da própria produção cultural, instituindo, portanto, seus modelos de ação que o caracterizam e contribuem para sua reapropriação do espaço organizado em que se encontra.

O terceiro capítulo busca estimular o leitor a perceber a importância das práticas de espaço, das caminhadas pela cidade, do conceito de cidade às práticas urbanas, da fala dos passos perdidos, das enunciações pedestres, das retóricas ambulatórias das míticas (aquilo que faz andar), dos nome e símbolos, dos críveis e memoráveis (a habitualidade), das infâncias e metáforas de lugares, do naval e carcerário, dos relatos e espaços, das demarcações e das delinquências para mostrar as interligações do cotidiano a partir do método etnográfico, da estatística e da cartografia.

Mais adiante, em seu quarto capítulo, Certeau ressalta também sobre os usos da língua, da escrita, das inscrições da lei do corpo, de um corpo ao outro, dos aparelhos de encarnação, da maquinaria da representação, das “máquinas celibatárias”, das citações de vozes, da anunciação deslocada, da ciência da fábula, dos ruídos dos corpos, da leitura enquanto operação de caça, da ideologia da “informação” pelo livro, da leitura como uma atividade desconhecida, do sentido literal (produto de uma elite social), do “exercício de ubiquidade” (impertinente ausência) e dos espaços de jogos e astúcias. Tudo isso para demonstrar como o ato corriqueiro de ler pode ser acatado pelos sujeitos a partir da interpretação dos códigos e de acordo com seus interesses. Aqui destacam-se, portanto, os processos de interação por meio da língua, a

qual é considerada por Vigotski como um importante instrumento de comunicação e de interação, constituindo-se enquanto uma das chaves para a compreensão da espécie humana.

Destarte, o último capítulo analisa as maneiras de crer, credibilidades políticas, queda de cotação das crenças, o tráfico do crer, do poder “espiritual” à oposição de esquerda, a instituição do real, a sociedade recitada, o indomável morrer, o dizer é crer, o escrever, o poder terapêutico e seu duplo, o perecível, o indeterminado, os lugares estratificados e o tempo acidentado, ou seja, faz um relato sobre um ser-individual-social, que se (re)apropria de informações de uma cultura prévia, com a finalidade de torná-la objeto de estudo a partir da observação da vida simples e ordinária das práticas cotidianas dos sujeitos, para além da interação destes.

Assim, a “A invenção do Cotidiano - 1. Artes de fazer” pode ser considerada como uma obra precursora no sentido de mostrar como as práticas culturais contemporâneas, das classes menos favorecidas, dos anônimos, da cultura ordinária e da criatividade das pessoas simples têm muito a dizer sobre a dinamicidade da sociedade, pois o autor deixa de lado a elite, que era mais técnica e produtivista para perceber como as classes subalternas sobreviviam.

Diante desse olhar para aqueles que não eram percebidos, destaca que há muito a relatar nas ações que os sujeitos realizam cotidianamente como: ler, conversar, habitar e cozinhar. Para o autor, observar tais práticas “[...] precisará igualmente uma “maneira de caminhar”, que pertence aliás às “maneiras de fazer” [...]. Para ler e escrever e escrever a cultura ordinária, é mister responder operações comuns e fazer da análise uma variante de seu objeto”. Segundo Certeau, ao observar as maneiras de falar e de caminhar, por exemplo, aos sujeitos torna-se possível seduzir, persuadir ou até mesmo refutar determinadas ações ou atitudes, ou seja, alcança-se algo. Tratam-se de ações singulares, pois cada um as executa na sua singularidade, mas que ao mesmo tempo diz muito do sujeito social.

Outrossim, fica explicitado que, ao escrever sobre o cotidiano dos sujeitos, Certeau dialoga com vários teóricos e percebe que, no cotidiano, o

homem simples, ordinário, apropria-se das táticas, entendida como a arte dos fracos. Nesse sentido, conta com as ideias de Freud, Foucault e Bourdieu, para além da inspiração nos fragmentos de Wittgenstein. Talvez porque o autor já imaginava que o "homem ordinário", descrito por Wittgenstein, está presente nas narrativas do cotidiano e muito mais próximo da vida real do que se imagina.